

ANITA SHREVE

UMA PROMESSA
DE FELICIDADE

Tradução de Isabel Alves

– Vamos escalar o Monte Quénia. Não neste sábado, mas no próximo.

Patrick fez o anúncio ao entrar no quarto de hóspedes da Casa Grande, onde estavam instalados temporariamente até a canalização avariada na pequena casa onde viviam ser reparada. Falou da escalada sem espalhafato, como quem falaria de uma festa que teria lugar dentro de duas semanas. Eram jovens, ambos com vinte e oito anos. Estavam no país havia três meses.

Apesar do calor, a camisa de Patrick conservava os vincos. James, cuja pele negra exibia um brilho azul no rosto, lavava a roupa deles numa banheira, punha-a a secar e passava-a com um ferro que fazia o tecido roçar. Nem o equador conseguia esbater os vincos de James.

Patrick pousou a mala de médico e a pasta no chão. Rapara a barba, em sinal de respeito, mas usava o cabelo preto mais comprido do que a maioria das pessoas.

– O Arthur está a organizar tudo. Demora quatro dias. Temos carregadores para nos transportarem as provisões.

Quando a sanita em casa de Margaret e Patrick deixou de funcionar, mudaram-se provisoriamente para casa dos senhorios, Arthur e Diana, que viviam a duzentos passos, na casa maior da propriedade.

– Vamos acampar? – perguntou Margaret.

– Há abrigos.

Dentro de alguns minutos, Margaret vestir-se-ia para o jantar. Sentia, sob a palma da mão, as costuras características da colcha branca.

– É melhor comprar botas de montanha – disse ela.

Para lá da janela, o ar vibrava com o gorjear de pássaros, ruidosos até ao cair da noite, quando o dia se extinguia, à mesma hora, todos os dias, fosse verão ou inverno. Em África, Margaret sentia-se frequentemente atordoada, como se algum brilho intenso lhe tivesse ferido os olhos.

– Quem vai? – perguntou.

– O Arthur e a Diana. Tu e eu. O Arthur falou de outro casal, mas esqueci-me dos nomes.

– Podes tirar esses dias de folga?

Patrick encolheu os ombros, indicando que o seu horário era flexível. Foi sentar-se ao lado de Margaret na cama, formando um profundo V no colchão macio. Apesar do calor, estava de calças compridas; outro sinal de respeito. Os homens africanos, no Quénia, surgiam das palhotas envergando fatos para conduzir *matatus*, os miniauto-carros, vender sucata ou cortar carne. Vestir de forma informal era ostentar a capacidade de o fazer, assim como proclamar que se era americano. Somente os turistas americanos e alemães se vestiam como adolescentes.

– Estás bem? – perguntou Patrick.

Os seus olhos eram azul-claros, sensíveis à luz do sol. Fora de portas, andava sempre de óculos escuros.

– Estou – respondeu Margaret.

– Estás muito calada.

– Que tal te correu o dia?

– Passei-o quase todo no hospital. A que horas é o jantar?

A casa funcionava com a precisão de um relógio. Eram hóspedes de Diana e de Arthur há cinco dias, pois parecia ser difícil arranjar um canalizador. Era necessário enviar primeiro uma mensagem – o canalizador não tinha telefone – e descrever o problema. Teria de ser negociado um preço e organizado o transporte. Havia um canalizador de quem Diana gostava em particular, mas constava que estava de visita à mulher em Limuru. Não se sabia quando regressava.

Margaret quis perguntar se não seria possível arranjar outro canalizador, mas poderia parecer falta de gratidão pela hospitalidade. Afinal, Patrick e Margaret estavam a usufruir de alojamento e alimentação gratuitos.

– Sete – respondeu Margaret, referindo-se ao jantar.

Patrick, pegando-lhe na mão, perguntou se ela já escalara uma montanha. Pegava com frequência na mão de Margaret, em público e em privado. Significava *estou a pensar em ti*.

Embora Patrick e Margaret estivessem juntos há dois anos – e casados há cinco meses – havia aspetos do passado de cada um que o outro desconhecia. Margaret disse a Patrick que escalara uma vez o Monte Monadnock, um pico pouco importante na Nova Inglaterra. Patrick, pelo seu lado, contrapôs que, sendo um rapaz oriundo de Chicago, nunca escalara uma montanha.

O cheiro a carne de cavalo cozida espalhou-se até ao quarto. Era um cheiro detestável e Margaret estava segura de que nunca se habituaria. A carne era para os cães.

– Achas que precisamos, não sei, de treino? – perguntou Margaret.

– Tenho a certeza de que o Arthur tem tudo controlado.

James tinha comprado a carne na *duka*, ao princípio do dia, o sangue ensopara o *Kenya Morning Tribune* em que fora embrulhada. Não seria diferente da carne que Margaret comprava para Patrick e para si, os bifes demasiado frescos, não estando ainda curados, e, por conseguinte, duros, com um sabor muito acentuado a carne fresca.

– Que altura tem o Monte Quénia?

– Cinco mil e duzentos metros, mais ou menos.

– Mas isso é muito.

– Nós, aqui sentados, já estamos a mil e quinhentos metros acima do nível do mar. E acho que ganhamos altitude durante a viagem para a montanha.

– Então, o Kilimanjaro é mais alto? – quis Margaret saber.

– Mais alto, mas mais fácil. Creio que não passa de uma caminha até ao cume. Em grandes círculos. Demora tempo mas está ao alcance da maioria dos amadores. Ao que parece, é bastante monótono.

Patrick trocou de sapatos, pois os que usava diariamente, de couro castanho, estavam cobertos de lama. Se à noite os deixasse à porta, de manhã estariam limpos.

– Vamos caminhar, não vamos?

– Escalamos, caminhamos. Há zonas difíceis.

Margaret imaginou o *Land Rover* de Diana, carregado de equipamento, a atravessar as cintilantes plantações de chá verde que apenas vira à distância.

O quarto de hóspedes parecia ter sido concebido para um escritor ou um académico. Margaret sentava-se, por vezes, à pesada escrivaninha trabalhada, na qual fora colocada uma máquina de escrever antiga. Experimentara-a uma vez, retraindo-se com as pancadas secas que as teclas produziam, como se algo de delicado e hesitante estivesse a ser anunciado por meio de uma marcha militar.

A cadeira da escrivaninha tinha braços talhados e uma pátina quase prateada. Nas paredes, estavam penduradas fotografias de pessoas que ela não sabia identificar, um escudo de madeira que talvez tivesse sido usado em combate e uma composição de lanças em forma de sol. Os livros encadernados a couro eram todos idênticos e, a julgar pelo seu estado, tinham sido muito manuseados. Margaret imaginava um colonizador primitivo, os livros constituindo a totalidade de obras impressas que encontrara em Nairobi, a lê-los e a relê-los à luz da candeia. Por vezes pegava num para o sentir nas mãos.

No outro lado do quarto, havia um toucador do género que se via em filmes antigos. Na sua superfície de vidro, estavam frascos de cristal lapidado com tampas de prata. Talvez o quarto tivesse pertencido aos pais de Diana, quando construíram a casa no final da década de 1940. Tinham chegado de Inglaterra, depois da guerra, para se lançarem na criação de cavalos. Margaret pegou numa fotografia do casal, vestido de um modo excessivo, com ar de quem se prepara para ir a uma festa no Country Club de Muthaiga. O pai possuía feições curtidas pelo tempo; a mãe exibia um leve sorriso doce. Em criança, Diana devia ter ouvido constantemente dizer que era parecida com o pai.

Margaret pensou na história do jovem Masai que fora convidado por um filantropo americano para tentar a sorte em Nova

Iorque, usando o seu talento e inteligência inata. Dois meses depois de chegar, o jovem lançou-se para a morte da janela do seu apartamento num décimo andar. Pensou que o jovem masai devia ter sentido a falta do Vale do Rift, ou que o seu equilíbrio mental fora perturbado pela geometria cinzenta da cidade. A história destinava-se a funcionar como uma fábula moral, se bem que Margaret nunca soubesse muito bem que moralidade era defendida. Que não se devia arrancar ninguém ao seu meio ambiente? Ou que uma pessoa, arrancada às suas raízes, podia, em qualquer momento, ser vítima de uma grave perturbação?

Patrick e Margaret já tinham sentido a dificuldade da adaptação. Uma vez, saíram da cidade para passar um longo fim de semana no Serengeti e quando regressaram depararam-se com a casa assaltada e tudo roubado do quarto. A única coisa intacta era a gaveta da roupa interior de Margaret, onde ela guardara os passaportes de ambos. Fora uma lição aprendida no início da estadia: guardar sempre os objetos de valor na gaveta da roupa interior; nenhum homem africano toca na roupa íntima de uma mulher. A polícia apareceu, passou os olhos pelo quarto, apontou para uma janela partida e disse: Ah. Os assaltantes não eram gente da casa. Alguém antipatizava com eles? Queria-lhes mal? Os ladrões nunca foram descobertos.

Patrick e Margaret compraram uma nova cama e mandaram instalar uma tranca na porta do quarto que dava para a sala de estar. Mais tarde, souberam pelo inspetor que praticamente toda a gente tinha trancas daquele tipo; nunca ninguém lhes tinha falado delas? Era o terceiro roubo de que eram alvos em seis semanas. O porta-moedas de Margaret fora-lhe roubado do saco de palha no mercado e, uma manhã, ao sair de casa para o hospital, Patrick encontrara o *Peugeot*, em segunda mão, assente em blocos de cimento. Os quatro pneus tinham sido roubados durante a noite.

Margaret compreendia os furtos de um modo puramente intelectual. A distância entre as pessoas que viviam folgadoamente e as que não viviam era um precipício no limite do qual estava um expatriado, pisando terreno que a qualquer momento podia aluir. Conhecia fisicamente o medo; moralmente, os roubos eram como um ressarcimento. Aprendera a andar com a carteira debaixo do

braço e detestava-se por fazer isso. Gratificava James generosamente por lhes lavar a roupa. Tinha a certeza de que não era este o costume mas fazia-a sentir-se melhor. James nunca recusava o dinheiro.

Patrick não queria perguntar a Margaret o que ela fizera nesse dia; a pergunta era melindrosa porque ela ainda não arranjava trabalho. Ele não parecia importar-se, mas ela sim. Contudo, se lhe *tivesse* perguntado, ela ter-lhe-ia dito que passara pelas ruas de terra batida de Langata com a máquina fotográfica, tirando fotografias aos *askaris* com os seus capotes compridos, os seus machetes a postos, ou às tabuletas que diziam *Mbwa Kali*, cão feroz, nos portões das grandes moradias. Captara igualmente imagens dos delicados ramos pendentes dos jacarandás e das explosões de cor escarlate, laranja e rosa das buganvílias, planta que crescia como uma erva daninha e cobria muros de pedra e telhados. Sabia que os outros médicos no hospital viam com desconfiança o facto de Patrick residir em Langata, um refúgio de expatriados. Mas Margaret apaixonara-se pela casa de Langata em grande parte por acaso.

Margaret estacionara o *Peugeot* numa estrada pavimentada, para ir ver um apartamento. Arthur, tendo terminado o dia de trabalho, abrandara para lhe perguntar se estava bem. Talvez ela tivesse adivinhado os seus motivos – uma combinação de sentido protetor e de oportunidade: uma mulher jovem de saia, na berma da estrada, atrás de um *Peugeot* branco, recentemente comprado, mas claramente em segunda mão; um carro talvez sem préstimo. O *Peugeot* deixara simplesmente de andar, sem aviso.

Arthur desceu a janela e interpelou-a, inclinando-se sobre o banco do lado. – Está tudo bem consigo?

Margaret aproximou-se do sítio onde ele estacionara, uma pessoa branca confiando noutra. Mais tarde, interrogou-se se não teria mandado o homem embora, se ele fosse africano. Arthur não quis aceitar um não e ela sentiu-se grata pela ajuda. Ele tentou pôr o carro a trabalhar, não fosse o problema ser simplesmente falta de gasolina; afinal, Margaret era mulher. Faria um telefonema de casa, declarou; era para onde ia. Conhecia um mecânico que trataria dela. Foram as palavras que usou. *Trata de si.*

Margaret estudou o homem. Tinha cabelo cor de lama e olhos escuros, uma fenda no queixo e dentes brancos revelados por um sorriso natural. A parte inferior da face não parecia condizer com a superior.

No *Mercedes* de Arthur, Margaret teve o seu primeiro contacto com a inesperada beleza dos jardins bem cuidados e das sebes altas de Langata, uma espécie de subúrbio de Nairobi. Ele virou e parou ao fundo de um comprido caminho de acesso à casa. Um *askari*, de capote sobre as pernas nuas, apressou-se a abrir o portão da propriedade de Arthur. Este não se dignou cumprimentar o homem. O caminho para a casa estava coberto de pétalas de jacarandá que formavam um tapete púrpura até à porta de entrada. A casa de dois pisos era de pedra com janelas de pinázios. Margaret viu-se num pátio repleto de flores coloridas de que não sabia o nome. Para lá do jardim, estendia-se um impressionante céu num tom azul de loios-dos-jardins, a cor mais saturada que já vira. Pensou que devia ser por causa do sol equatorial, um ângulo peculiar de luz.

Arthur ofereceu uma bebida a Margaret e fez as chamadas necessárias. O carro seria rebocado para uma oficina onde seria reparado. Margaret tomou consciência de que estava de pernas nuas, especialmente quando a mulher de Arthur, Diana, visivelmente desconcertada ao deparar-se com uma visitante sobre quem não sabia nada, entrou na sala. Margaret reparou que a mulher dedicou especial atenção à bebida. Arthur explicou a situação e Margaret foi contemplada com o primeiro sorriso de Diana: de súbita e marcada surpresa. Margaret ligou para Patrick no hospital para lhe dizer que tinham sido convidados para jantar em Langata. Vendo-se obrigada a fazer a chamada na presença de Arthur, mostrou-se mais entusiasmada do que na realidade se sentia, talvez até um pouco ofegante. O leve protesto de Patrick do outro lado não lhe passou despercebido.

Durante o jantar na primeira noite, foi formulado outro convite. Estava vaga uma casa de hóspedes na propriedade. Arthur adiantou um valor inferior ao que Patrick e Margaret estavam prontos a pagar pelo apartamento que ela fazia tenções de ver. Diana sugeriu que eles passassem lá a noite – Patrick tinha vindo de autocarro de Nairobi – para visitar a casa de manhã, pois assim poderiam vê-la à luz do dia.

Já deitado, nessa noite, Patrick sentiu-se desconfiado: talvez tivesse ouvido, antes de Margaret, a leve queda de um ferrolho. Abraçaram-se estreitamente, no colchão estranho, como que para reafirmar o seu estatuto de casal, como se fosse necessário um ato de resistência.

De manhã, visitaram a casa de hóspedes, uma construção em reboco branco com um telhado de telhas vermelhas, rodeada de buganvílias rosa e laranja. A casa tinha uma sala de estar com uma pequena mesa coberta com um pano tradicional escarlate e amarelo. A cozinha tinha uma porta de dois batentes horizontais; o quarto tinha uma casa de banho. O chão era em madeira polida num intrincado desenho de tacos. As paredes eram brancas; as janelas eram de pinázios. Patrick e Margaret nunca haviam vivido numa casa tão bonita, nem na América – especialmente na América. Antes de o carro ter avariado, residiam por cima de um clube noturno no Hotel de Ngong Road. Antes disso, haviam aguentado uma estadia macabra no Hotel Nairobi, onde as baratas largavam a correr sempre que Margaret abria a porta da casa de banho. Achou que Patrick se devia ter apercebido, nessa manhã, do seu desejo de ficar com a casa, tendo por isso renunciado às suas moderadas objeções políticas.

A casa de hóspedes era suficientemente distante da casa de Arthur e Diana para sugerir uma certa independência. Diana insistiu que seria raro os dois casais encontrarem-se: Arthur trabalhava todo o dia, era chefe de vendas da Colgate-Palmolive; Diana criava leões da Rodésia e não era muito sociável. Tudo isto parecia perfeito. Ou pelo menos Margaret assim decidiu.

Nessa tarde, James tirara uma fotografia a Margaret e Patrick. Margaret estava sentada numa cadeira, logo atrás da porta da cozinha, na sua nova casa em África. Estava com um vestido de alças branco. A sua pele apresentava um tom forte de vermelho: vermelhão da Índia, como a mãe tinha o hábito de lhe chamar. O cabelo de Margaret era de um tom louro, um castanho claro com nuances de latão. A sua pele parecia pintada e luzidia.

Atrás dela, Patrick estava de pé e envergava uma camisa branca de manga curta e gravata. Exibia um saudável bronzado e cabelo

que talvez não fosse lavado há vários dias. Na fotografia, tinha um ar escorrido. O seu rosto estava na sombra, os óculos de sol encobrindo-lhe os olhos.

James assumia um ar sério quando trabalhava com a *Nikon* de Margaret, mas sorriu quando lhe devolveu a máquina.

Na Casa Grande, James cozinhava as refeições, punha a mesa, servia a comida, levantava os pratos e lavava-os. Patrick e Margaret não tinham criados. Só recentemente é que Diana mandava James à casa de hóspedes para lavar a roupa. Embora Margaret tivesse sido aconselhada, no início, a contratar alguém para executar essa tarefa, parecia demasiado íntima para a confiar a alguém de fora. Tentara lavar a roupa na banheira, mas não conseguira retirar completamente o sabão. Quando uma erupção irrompeu no pescoço de Patrick, Margaret cedeu. Mas preparava e servia o jantar e Patrick lavava a louça. A vitória sabia a pouco. Não ter um criado era privar um africano de emprego.